

VOZES SOCIAIS E RELAÇÕES DE PODER EM THE *HANDMAID'S TALE*Relines Rufino de Abreu¹

RESUMO: Este artigo pretende investigar as relações entre as vozes sociais e as manobras do poder opressor presentes no romance *The Handmaid's Tale* (1985), de Margaret Atwood. Pertencente ao gênero literário Distopia, essa produção incita discussões, como as feitas aqui, acerca das estratégias de poder utilizadas pelo governo representado na obra e as formas de resistência que os personagens encontraram para lutar e sobreviver em meio ao caos.

Palavras-chave: Conservadorismo; *The Handmaid's Tale*; vozes sociais; poder.

ABSTRACT: This article aims to investigate the relations between social voices and oppressor power manipulations present in the Margaret Atwood's novel, *The Handmaid's Tale* (1985). Pertaining to the literary genre Dystopia, this production incites discussions such as made here, about the power strategies used by the government represented in this fiction and the forms of resistance that the characters find out in order to fight and survive in the chaos.

Key-words: Conservatism; *The Handmaid's Tale*; social voices; power.

Nas últimas décadas deste século, parte da sociedade tem se surpreendido com os acontecimentos históricos emblemáticos para as lutas sociais, como a entrada de Donald Trump na Casa Branca e suas taxativas afirmações hostis às minorias; a luta política de Angela Merkel, primeira ministra alemã, contra o avanço dos partidos de extrema direita em seu país; o renascimento de linhas políticas ultraconservadoras com estrondoso crescimento na Áustria, Suíça, Finlândia, Hungria, Grécia, Reino Unido e França²; a decisão sobre a saída da Grã-Bretanha da União Europeia, defendida por representantes da extrema direita; o posicionamento da maioria dos países europeus contra os refugiados africanos e sírios; a violenta Guerra ao Terror; a ameaça nuclear entre Coreia do Norte e Estados Unidos; a presença de ditadores em vários países, inclusive na América Latina; a saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris, negligenciando a sua responsabilidade nos danos ambientais

¹ Doutora em Estudos Literários pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Ministra aulas no curso de graduação em Letras – habilitação português/inglês, da Universidade Estadual de Minas Gerais, unidade Carangola.

² Os partidos políticos ultraconservadores de cada país citado, respectivamente: Partido da Liberdade, o Partido Popular Suíço, Finlandeses, o Jobbik, Aurora Dourada, Partido da Independência, Frente Nacional.

causados por sua aquecida economia, entre outros. Movimentações como essas vêm acendendo a discussão sobre o espaço ocupado cada vez maior pela extrema direita.

No Brasil, no campo político, nota-se o entrelaçamento cada vez maior entre política e religião por meio do crescente apoio a candidatos que são, ao mesmo tempo, representantes religiosos. O jornal *Estado de S. Paulo* publicou, em julho de 2014, que o apoio de diversas denominações religiosas à candidatura de políticos que usam abertamente o nome de pastor, bispo ou missionário, somavam 328 nas eleições de 2014, um aumento de 45% em relação a 2010. No entanto, acreditamos que esse número se encontra defasado em relação àqueles que não usam nomes de cargos religiosos nas urnas, como Marcelo Crivella, prefeito do Rio de Janeiro atualmente, mas se declaram abertamente evangélicos ou católicos, carregando a missão de levar para o meio político “convicções religiosas para assim barrar projetos que são desabonáveis à luz da Palavra de Deus, podendo então representar o povo evangélico e defender os valores morais em pró da família” (LOPES, 2012)³. Segundo a matéria de Gabriel Castro (2017), na TV História⁴, 52% das atrações da TV aberta, dos 11 canais de maior audiência, são dedicadas a programas de televisão de diversas crenças, com exceção as de origem afrodescendentes. A maior parte desses candidatos se reconhecem conservadores, voltando-se contra movimentos sociais das minorias, em uma suposta defesa da “família” que vê os LGBT e as feministas como inimigos dos valores que defendem. Não se pretende aqui relacionar ideologias conservadoras com linhas específicas de pensamentos políticos como a direitista e sim observar uma movimentação, de qualquer natureza, que procura se apoiar em uma agenda radical para governar.

Essa possível tendência se reflete nas articulações populares politicamente engajadas recentemente. Os movimentos sociais brasileiros de grande porte foram fundados entre os anos 30 e anos 80, como Movimento Sem Terra (1984), União Nacional dos Estudantes (1938), Central única dos Trabalhadores (1983), entre outros. Atualmente, eles competem

³ Trecho retirado da matéria escrita no site Gospel Prime, onde se noticiou que a Convenção Geral das Assembleias de Deus (CGDB) realizou um apanhado, divulgado no site CPAD News, em que mostra que 154 candidatos eleitos entre vereadores, prefeitos e vice-prefeito nas eleições de 2012 pertencem são representantes da igreja Assembleia de Deus. Disponível em <https://noticias.gospelprime.com.br/cgadb-lista-candidatos-ligados-a-assembleia-de-deus-que-foram-eleitos-em-2012/>. Acesso em: 15 mar. 2018.

⁴ Para mais informações acesse: <http://tvhistoria.com.br/NoticiasTexto.aspx?idNoticia=3518>.

espaço com outras articulações sociais de expressão como o Movimento Brasil Livre, Vem pra Rua, ambos ativos desde 2014. Esses divulgam seus pensamentos e doutrinas por meio virtual, através das redes sociais, organizam manifestações como as 2016, por exemplo, que em apenas um evento, levou mais de três milhões de pessoas às ruas para manifestar a favor do impeachment da então presidente Dilma Roussef. Interessante observar que os dois últimos movimentos citados são acusados de estarem dentro de um espectro político direitista, por apoiarem de modo explícito candidaturas que representam ideias conservadoras distantes até mesmo da defesa dos Direitos Humanos.

O aumento da influência religiosa na política e na mídia não pode ser desconsiderado, pois é sintomático do momento histórico em que vivemos, representando, por meio da audiência televisiva e da eleição de candidatos com o perfil citado, o aparente anseio popular por uma agenda mais conservadora. Já que esses dados não podem ser negligenciados, nos perguntamos sobre os caminhos que serão percorridos daqui para frente e se esse possível avanço do conservadorismo na Europa, Ásia e América irá de fato se consolidar. Caso algum escritor contemporâneo utilizasse os acontecimentos atuais para escrever um romance distópico, como ele veria a nossa sociedade no futuro se uma onda extremista tomasse conta do contexto dos países hoje de regime democrático? Margaret Atwood, em 1985 descreve no romance *The Handmaid's Tale*, um país futuro onde se estabelece a união entre Estado e Igreja, em que o fundamentalismo religioso e o conservadorismo são as bandeiras de ordem.

Refletindo sobre os rumos da humanidade em seu percurso político-social, Atwood desenha em *The Handmaid's Tale* toda a estrutura de uma nova sociedade ambientada no ano de 2135, no país fictício denominado de Gilead, antigo Estados Unidos da América. O totalitarismo e a teocracia foram implantados nesse país com o suposto intuito de controlar a fertilidade, mostrando uma intrínseca relação de opressão, na qual o oprimido é violentado pela implementação de leis de um Estado que impõe um novo estilo de vida. A liberdade e os direitos concebidos pela democracia dos Estados Unidos são agora o passado a ser rejeitado pelas autoridades da nova realidade americana. Ao fazer parte desse novo sistema, o indivíduo precisa reinventar um posicionamento e uma identidade consonantes com as ideologias desse regime que se caracteriza pela violenta disciplina e pelo assolamento dos Direitos Humanos. Considerando que a realidade retratada por Atwood vai de encontro aos preceitos básicos da

democracia, o texto incita reflexões aos leitores, sobretudo no que diz respeito a comportamentos, imposições, direitos, meio ambiente, participação política, identidade e crenças – aspectos que constituem foco de discussões nos diferentes fóruns da sociedade contemporânea. Neste artigo, procura-se analisar as vozes sociais presentes nos discursos dos personagens principais em *The Handmaid's Tale* e suas relações com o poder. Utilizando-se de diferentes estratégias de dominação, essas vozes lutam para convencer a população de que um regime antidemocrático é positivo para todos.

Embora seja ambientado no ano de 2135, o contexto apresentado no romance retoma o início da década de sessenta nos Estados Unidos, quando se observou certa perda da rigidez moral imposta anteriormente, proporcionando agitação cultural e promovendo maior liberdade para música, cinema e teatro. Nessa época, cresceu uma onda de idealismo já iniciada nos anos cinquenta, dando margem aos movimentos sociais e políticos, os quais tiveram forte influência temática no romance. Assim, na malha ficcional durante o regime democrático, a narradora observa que, aos poucos, as facções religiosas que começavam a ganhar força dentro do governo criavam leis que atentavam contra direitos fundamentais das mulheres, negros, homossexuais, até o ponto em que a Constituição Federal foi substituída pelas leis do Velho Testamento. Convenceram a população por meio do discurso e da força bruta, que ao viver segundo as leis de Deus, a “ordem” e a “paz” poderiam ser restauradas, a segurança conquistada e a infertilidade controlada, já que poucos bebês nasciam devido ao alto nível de degradação ambiental.

Assim, um grupo poderoso advindo de denominações fundamentalistas religiosas, decide aplicar um golpe de Estado estabelecendo uma estrutura social determinada de acordo com a função das pessoas na sociedade, de forma que os homens da elite, chamados de Comandantes, são convocados a fazer as leis civis segundo a moral bíblica. Nessa sociedade, os livros, as revistas e todo tipo de mídia foram eliminados e agora estão proibidos para todos. A liberdade de expressão foi substituída por protocolos comportamentais a serem seguidos por todas as classes dessa sociedade. Não é possível estabelecer relações sociais como outrora, ter contato com qualquer tipo de arte, mudar de classe ou de função na sociedade e nem manter a mesma identidade que no regime democrático, pois os nomes são trocados, sendo substituídos pela função social desempenhada. As minorias são fadadas a viver sem

liberdade de escolha, sendo extremamente repreendidas fisicamente e psicologicamente por qualquer ação insinuadora de individualidade. Essa sociedade, então, estabelece uma forma de viver que atenta contra o bem-estar dos cidadãos, eliminando qualquer possibilidade de convivência social harmônica entre os perfis considerados como ideais e marginalizados. Ao determinar um estereótipo de indivíduo branco, cristão e heterossexual como privilegiado, a sociedade segue ideologias nas quais os outros grupos raciais e religiosos são considerados inferiores e não merecedores dos mesmos direitos.

Em entrevista a *Vintage Living* (2002), Atwood revela a sua inspiração para a produção do romance quando aponta que estava presente no contexto histórico dos Estados Unidos dos anos 80 a pauta dos direitos às práticas religiosas. Nessa campanha havia avisos para as mulheres atuarem unicamente como donas de casa. A autora reflete sobre as razões que levariam as mulheres a retroceder, já que elas estavam procurando adquirir independência. Atwood também assinala que existiram germes para um incentivo como esse, sendo um deles o puritanismo do século XVII, período que prevalecia no território americano, uma espécie de totalitarismo de natureza hierarquizada. A escritora revela que os leitores costumam achar que na sociedade de Gilead os homens possuem todo poder e as mulheres não gozam do mesmo privilégio. Isso não pode ser levado em consideração, porque uma vez que se constitui em totalitarismo vê-se uma verdadeira hierarquia. Dessa forma, o gênero dos indivíduos que estão no topo ou na base do poder não inibe a formação de camadas sociais opressoras. As mulheres do topo não têm a mesma forma de poder que os homens, mas possuem poder sobre outras mulheres e apoiam a opressão sobre elas, fato caracterizador das sociedades totalitárias. Ainda, de modo explícito, *The Handmaid's Tale* reflete a repercussão antifeminista nos Estados Unidos dos anos oitenta, quando as seguidoras do movimento foram tomadas como grandes inimigas do *New Right*. Segundo Bouson (1993) O *New Right* era um movimento formado por líderes religiosos, como James Wilson, Charles Murray e grupos de teóricos e estudantes, que defendiam o conservadorismo através de lutas sociais anticomunistas. Além disso, apoiou em sua vertente extremista, grupos como *Ku Klux Klan* e *American Nazi Party*. Ronald Reagan, presidente dos Estados Unidos em 1980, e Margaret Thatcher, a primeira ministra inglesa da época, eram representantes desse grupo conservador por se voltarem contra o aborto, o casamento homoafetivo, entre outras questões.

Segundo as pesquisas da *Independence Hall Association* (2011), outra vertente do movimento *New Right* foi o chamada *Christian Right*. Esse grupo era formado por fundamentalistas crentes na interpretação literal da *Bíblia* que usou estações televisivas como "The Christian Broadcast Network" para enviar mensagens conservadoras a milhões de americanos, aproveitando-se da disseminação da televisão por satélite. Assim, os líderes do *New Right* atingiram proporções gigantescas na telecomunicação de massa, ganhando, cada vez mais, força e influência no Congresso Americano. Em *The Handmaid's Tale*, a personagem Serena Joy, uma cantora gospel, representa os evangélicos do período pré-Gilead, que tomaram conta dos programas televisivos na década de setenta e oitenta. Offred reconhece a cantora e sua influência no meio cultural, dizendo que nem eles poderiam imaginar as repercussões de suas atuações.

Segundo Bouson (1993), Atwood desloca este contexto político social a outra época e lugar, juntamente com outros fatos históricos. A escritora canadense problematiza os limites entre ficção e realidade, quando descreve o romance em entrevista à *Reader's Companion* (1998) como "um estudo do poder, uma ficção especulativa, uma extensão lógica de onde nós estamos agora" (ATWOOD, 1998, tradução nossa).⁵ Sobre a situação descrita no romance, a canadense ainda afirma nessa entrevista que "[...] não há nada no livro que não se baseia em algo que já aconteceu na história ou em outro país, ou para os quais a documentação de apoio real já não esteja disponível" (ATWOOD, 1998, tradução nossa).⁶ Sendo assim, observa-se a preocupação da autora em relação ao futuro da sociedade, tendo como base seu olhar sobre os acontecimentos do presente que poderiam ameaçar a vida ou o bem-estar da população. A projeção de um futuro desastroso instiga reflexão crítica dos caminhos políticos e sociais que estão sendo seguidos pela humanidade, expondo, muitas vezes, radicalismo e extremismos das convenções sociais sob forte ironia.

A própria ideia implícita no termo "Literatura Distópica", gênero literário ao qual pertence o romance de Atwood, reflete uma proposição alternativa para o mundo que

⁵ "[...] a study of power and as a speculative fiction, a logical extension of who we are now" (ATWOOD, 1988).

⁶ "There isn't anything in the book not based on something that has already happened in history or in another country, or for which actual supporting documentation is not already available" (ATWOOD, 1998).

conhecemos e insinua, através de sátiras, as distorções existentes nas convenções sociais cujos limites se encontram extrapolados. Dessa maneira, o romance serve não só como uma reflexão sobre as atitudes e comportamentos do mundo atual, mas também como um alerta sobre possíveis catástrofes decorrentes das distorções e intempéries da realidade social. Silva (2007) diz que a Distopia tem a função de evitar que a humanidade caminhe para o desastre, por meio da constatação do autor da realidade de seu tempo, sob a forma de um aviso, pelo qual se compõe o romance.

Neste momento torna-se interessante observar as considerações de Bakhtin (1988) em relação à enunciação e as suas possíveis relações com o gênero distopia. O filósofo russo desconstrói a ideia de monólogo, uma vez que o autor diz que mesmo o texto escrito é uma resposta a outro pronunciamento, já que não passa de uma extensão dos atos de fala. Em suas palavras, “[...] o discurso vivo e corrente está imediata e diretamente determinado pelo discurso-resposta futuro: é ele que provoca esta resposta [...] e baseia nela” (BAKHTIN, 1988, p. 89). Nessa esteira, podemos pensar também na literatura distópica como um texto escrito que produz um possível discurso-resposta futuro ao discurso vivo corrente determinado pelos acontecimentos sociais e políticos de uma época. Para Bakhtin, o enunciado está conexo à criação ideológica, visto ser uma réplica e não se formar sem a memória discursiva, ou seja, dentro desse enunciado existem inúmeras vozes que se encontram e vão aparecer no discurso em diferentes níveis.

No contexto da obra em questão, as mulheres férteis e não casadas na esfera religiosa iriam servir como Aias, tendo o papel de procriar a maior quantidade possível de vezes em suas vidas. A Aia Offred, narradora e protagonista, narra, ilegalmente, por meio de um gravador a sua vida em Gilead, o processo de transição da democracia para o totalitarismo e a sua vida pessoal rodeada pela violência física e psicológica. As Aias iriam para a casa de um membro da elite, chamado de Comandante, e engravidariam dele. Quando a criança nascesse, seria dada à esposa do Comandante e a Aia iria para a casa de outra família. Caso não conseguisse reproduzir em um período de dois anos, era condenada a realizar trabalho forçado nas Colônias, ambiente totalmente tóxico e dominado por extremo nível de radiação. Segundo Loigu (2007), o artigo *Women forced to have babies*, publicado na Holanda, em 1985, impressiona o mundo ao postular legalmente que as mulheres trabalhadoras do país poderiam

ser demitidas de seus empregos, ou até presas, como criminosas comuns, por não procriarem suficientemente. Não engravidar não seria considerado crime apenas se um médico constatasse motivos legais para que a mulher não cumprisse seu “dever patriótico”. A proposta do governo holandês leva a reflexão mais uma vez sobre as soluções adotadas em tempos de caos. Atwood, em entrevista a Mervyn Rothstein (1986), afirma:

Há agora uma seita, uma seita Católica Carismática, que chama as mulheres de aias. Eles não adotam a poligamia deste tipo, mas ameaçam as aias de acordo com o versículo bíblico que eu uso no livro – senta-se e cala-se a boca. (ATWOOD, 1986, tradução nossa).⁷

Os versículos bíblicos apontados por Atwood são uma das epígrafes do romance:

Vendo, pois, que Raquel não dava filho a Jacob, teve Raquel inveja de sua irmã, e disse a Jacob: Dá-me filhos, ou senão eu morro. Então se acendeu a ira de Jacob contra Raquel e disse: Estou eu no lugar de Deus, que te impediu o fruto de teu ventre? E ela lhe disse: Eis aqui a minha serva Bilha; Entra nela para que tenha filhos sobre meus joelhos, e eu, assim, receba filhos por ela. (GÊNESIS, 30: 1-3).

Como o Velho Testamento é manipulado para ser o guia ideológico e explicar as ações políticas de Gilead, esse trecho serve para justificar e “resolver” o problema da infertilidade, pois, no romance, a degradação ambiental chegou a tal ponto que a maioria das mulheres e dos homens não conseguia gerar bebês, porém, os idealizadores do sistema atribuíram essa incapacidade somente às mulheres. Com a crença de que a mulher possui o destino biológico para maternidade, as Aias são vistas como objetos para fertilização, esvaziando qualquer outra característica subjetiva ou possível identidade alternativa a essa função. Por isso, quaisquer atividades intelectuais fora ou dentro do ambiente doméstico são proibidas a elas. O trecho bíblico é transmutado para o contexto fictício da obra desta maneira:

Acima de mim, em direção à cabeceira da cama, Serena Joy está posicionada, estendida. Suas pernas estão abertas, deito-me entre elas [...]. Minha saia vermelha é puxada para cima da cintura, mas não acima disso.

⁷ “There is a sect now, a Catholic charismatic spinoff sect, which calls the women handmaids. They don't go in for polygamy of this kind but they do threaten the handmaids according to the biblical verse I use in the book - sit down and shut up” (ATWOOD, 1986).

Abaixo dela o Comandante está fodendo [...] (ATWOOD, 2006, p. 116-117).⁸

Comparando o excerto da *Bíblia* com o do romance de Atwood, nota-se que as duas situações descritas são muito semelhantes. Entretanto, o vocabulário de Offred (“pernas abertas”, “saia vermelha”, “fodendo”), por diferir muito daquele utilizado no texto bíblico, compõe uma cena grotesca insinuadora da objetificação do corpo da mulher e transgressora de uma ação considerada sagrada na malha ficcional. A escolha lexical da protagonista para descrever um evento como esse, justificado pelo intertexto com o Livro Sagrado, mostra toda a força da violação legitimada, a qual foi intensamente combatida nos anos anteriores à experiência de Gilead. No evento designado “Cerimônia”, que ocorre uma vez ao mês, o Comandante lê esses e outros trechos da Bíblia como ritual e segue para o ato sexual em seguida. Em uma de suas reflexões internas, Offred subverte a autoridade do Livro Sagrado através do sarcasmo e da ironia verbal: “*Frutificai e multiplicai-vos, enchei abundantemente a terra. Então vem aquele negócio velho e bolorento da Raquel e da Lea que nos martelaram na cabeça no Centro*” (ATWOOD, 2006, p. 111).⁹

Através da ironia verbal, Offred mostra como o significado da leitura de um texto pertence ao leitor, pois ela é consciente de que a classe oprimida do sistema poderia usar o mesmo instrumento opressor, a palavra sagrada, para reverter à ordem caso tivessem acesso à *Bíblia*. Porém, só a elite tem direito de possuir o livro, por isso, a leitura será manipulada segundo os interesses de quem lê:

A Bíblia é mantida trancada, da mesma maneira como as pessoas antigamente trancavam o chá, para que os criados não o roubassem. É um instrumento incendiário: quem sabe o que faríamos com ela, se puséssemos

⁸ “Above me, towards the head of the bed, Serena Joy is arranged, outspread. Her legs are apart, I lie between them [...] My red skirt is hitched up to my waist, tough no higher. Below it the Commander is fucking [...]” (ATWOOD, 1987, p. 104).

⁹ “Be fruitful, and multiply, and replendish the earth. Then, come the mouldy old Rachel and Leah stuff we had drummed into us at the Centre” (ATWOOD, 1985, p. 99).

nossas mãos nela? [...] aqui vem nossa história da hora de ir para cama.”
(ATWOOD, 2006, p. 109).¹⁰

Foucault (2009) assinala que nas sociedades existem narrativas que se perpetuam, pois são repetidamente contadas, outras narrativas são apenas resgatadas em um determinado contexto e existem aquelas que se perdem e cessam a transmissão. Por isso, existe um desnível entre os discursos, pois os que se perpetuam são constantemente retomados, sendo reatualizados na esfera cultural como os textos religiosos e jurídicos, adquirindo um *status* diverso daqueles que são apenas contextuais. A *Bíblia*, por exemplo, dialoga, há milênios, com as mais diversas sociedades, reatualizando-se e construindo novos discursos a partir de sua matriz. Assim, Foucault adota o princípio do comentário para nomear o recurso da retomada de um texto anterior, sendo as palavras atualizadas em seu retorno e, portanto, carregadas de novos sentidos.

Se em *Gênesis*, Raquel, para que pudesse ter um filho, pede a Jacob que tenha relações sexuais com sua serva Bilah, nada mais “natural”, sagrado e inquestionável que a reprodução dessa situação se faça pela sociedade de Gilead, uma vez que ensinam a população que o texto bíblico deve ser visto como autoridade máxima. Pensando nas estratégias de poder, em entrevista a *Reader's Companion* (1998), Atwood diz que se uma pessoa quisesse ter apoio político das massas, seria muito mais eficiente dizer que traz consigo uma mensagem de Deus e que é por ela que se deve deixar guiar, do que empregar qualquer outro discurso. Pensando nos dados apresentados nos primeiros parágrafos deste artigo, podemos especular: seriam essas as estratégias de líderes religiosos que ambicionam o poder político do país?

Voltando à análise, o conceito de natural em Gilead nasce de um retrocesso dos direitos humanos, do qual é imperativa a ideia de que existem papéis definidos para homens e mulheres, de acordo com a constituição biológica. Assim, Tia Lydia, responsável pelo treinamento das Aias antes que elas sejam inseridas nas casas das famílias, justifica: “é uma maneira como funciona a natureza. É o plano de Deus. É a maneira como são as coisas”

¹⁰ “The Bible is kept locked up, the way people once kept tea locked up, so the servants wouldn’t steal it. It is an incendiary device: who knows what we’d make of it, if we ever got our hands on it: [...] we are expectant, here comes our bedtime story” (ATWOOD, 1985, p. 98).

(ATWOOD, 2006, p. 176, tradução nossa).¹¹ Desse modo, podemos perceber que as ideologias que perpassam os discursos das instituições em Gilead rejeitam qualquer saber que assuma o gênero, a identidade ou a cultura como sendo elementos passíveis de construção. Verifica-se que nesta República luta-se para que a concepção da verdade não seja múltipla e nem plural. Existe apenas a verdade imposta pelo poder, responsável por determinar os discursos válidos na produção de saberes classificadores do indivíduo como normal ou anormal; doente ou saudável; feliz ou infeliz, como Foucault (2009) aponta ser a função das instituições na sociedade. De modo geral, o processo de subjetivação e da criação de conhecimentos são inseparáveis e comungam o mesmo espaço dentro dos jogos de poder.

Se o processo de subjetivação se constitui através da forma que o indivíduo se coloca historicamente, a partir de suas experiências, a concepção de verdade gileadiana vai ser fundamental na constituição de sujeitos. Segundo Foucault (2009), os jogos da verdade criam divisões baseadas na comparação entre sujeitos, para encaixá-los em classificações binárias e, até mesmo, criar outros meios classificatórios. Em Gilead existe, sobretudo, a divisão entre útil e inútil. Por exemplo, as crianças nascidas com alguma deficiência física são chamadas de “unbabies” e logo são descartadas, assim como as mulheres que não se encaixam no perfil desejado, como as lésbicas, por exemplo, são classificadas como “unwomen” e mandadas para os campos de trabalhos forçados para morrerem. O significado do prefixo “un” na língua inglesa, neste caso, designa a inutilidade social dos indivíduos encaixados nessas categorias, além de sugerir a não existência deles e, portanto, a anulação das identidades. A situação trazida por Atwood é de extrema violência e leva-nos a perceber também os riscos da manipulação do texto escrito, como a *Bíblia*, por exemplo, para se atingir os interesses, vide a guerra travada entre alguns representantes religiosos e o movimento LGBT no Brasil nos dias de hoje.

Os discursos que permeiam as relações de poder na obra dialogam com a ideia de Foucault também no texto “Dois ensaios sobre o sujeito e o poder” (1984), quando esse pontua que as relações de poder criadoras de verdades, valores e saberes estão presentes em todos os indivíduos, não somente como forma de censura, mas também como construtoras de representações da realidade. A partir de tais verdades e valores, as leis são construídas,

¹¹ “It’s nature way. It’s God device. It’s the way the things are” (ATWOOD, 1985, p. 153).

coligadas aos interesses do poder que precisam ser justificados para melhor serem internalizados pela população. Por isso, desenvolvem-se séries de mecanismos como as normas referentes aos deveres e direitos a fim de ordenar os indivíduos e reforçar a construção dessas “verdades”. Essas, para sustentarem o poder, precisam emanar um discurso suficientemente convincente para ser produzido, transmitido e colocado em funcionamento, como se fosse um guia de bem-estar social. Vale ressaltar que a circulação das ideologias do poder não se deve somente à transmissão promovida pelo Estado, visto que o indivíduo é o seu principal disseminador porque as veicula através de sua execução. Portanto, o poder necessita da criação de discursos de verdades para se consolidar.

Os apontamentos de Foucault nos leva a perceber que para que o novo sistema imposto por Gilead encontre menor resistência, é preciso que a “colonização” seja feita também pelo pensamento. Desse modo, eles lutam por substituir as identidades existentes no antigo regime democrático por outras que sejam coniventes com a ideologia do novo sistema, de forma que até mesmo as vestimentas da população são escolhidas de acordo com o exercício do indivíduo na esfera coletiva. Por exemplo, as Aias vestem túnicas vermelhas; a classe denominada Esposas usa vestidos azuis; as Marthas, verdes, e assim por diante. Novas palavras, inspiradas no texto bíblico, começam a fazer parte do vocabulário comum do dia a dia, adquirindo força ideológica ao serem inseridas naquele contexto, como “Marthas”¹² e “Jezebel”¹³. O próprio termo Gilead, por sua vez, refere-se a um território que na *Bíblia* designa tanto um lugar bom quanto um lugar mau. A ambiguidade sugerida possibilita pensar essa república como espaço desejado por uns e odiado por outros.

Os ensinamentos dados às Aias no Centro Vermelho procuram justamente fazer com que o novo vocabulário entre em circulação para que possa se naturalizar no meio social.

¹² Martha, irmã de Lázaro, hospeda Jesus em sua casa. É responsável pelos afazeres domésticos, chegando a ser repreendida por Jesus por se preocupar mais com os valores materiais da hospedagem do que com seus ensinamentos. (Lu 10:38-42). No romance de Atwood designa as mulheres que possuem o trabalho de cuidar da casa.

¹³ Princesa fenícia condenada pelo pecado da idolatria, uma vez que renegou Javé e continuou fiel aos deuses fenícios, lutando contra tudo que fosse incompatível com seus desejos. Perseguiu os chamados servos de Deus e adorava o deus pagão da fertilidade, Baal. (IRe 18). Em *The Handmaid's Tale*, este é o nome de uma casa de prostituição ilegal que era frequentada apenas por homens da elite da sociedade.

Além disso, os nomes dos indivíduos de algumas castas são modificados ou substituídos, de modo que os governantes de Gilead procuram apagar identidades pessoais para que as coletivas sejam assumidas, o que se torna uma forma de controle social e adestramento humano.

Essa questão dialoga com a ideia de Bakhtin (2006, p. 15), quando este aponta que “toda modificação da ideologia encadeia uma modificação na língua”. O teórico russo ressalta que as transformações linguísticas trabalham com leis internas e externas em relação à dinâmica social, de forma que as externas se sobressaem em relação às internas. Portanto, o signo/palavra é considerado um organismo vivo e sensível às variações sociais. Assim, em diferentes épocas observam-se discursos de verdades, vozes e línguas consonantes com o sistema ideológico presente em cada sociedade. A dinamicidade de significações em diversos atos de fala confere ao signo, caracterizado por uma condição dialética intersubjetiva¹⁴ e contextual, o papel de material semiótico em que as verdades e discursos se cruzam, sendo que as inserções de novas palavras corroboram a percepção da realidade. De modo geral, o filósofo confere à língua aspectos como mutabilidade, dinamicidade, polissemia, correspondência a uma verdade histórica, entre outras características, que se tornam essenciais ao se levar em conta as ideologias e as práticas discursivas presentes na voz das autoridades em Gilead. Vemos que em *The Handmaid's Tale* o poder da palavra é tão desejado quanto ameaçador, seja para as vítimas do sistema, seja para as autoridades do país. Ao proibir o acesso aos livros, às revistas, à escrita e à leitura de qualquer natureza; ao modificar e criar signos compatíveis com as novas ideologias restringe-se a possibilidade de pensamento livre e estabelece-se a demarcação intelectual voltada apenas para o desejo do totalitarismo. Em um encontro secreto com o Comandante, Offred tem a oportunidade de segurar uma caneta, o que metaforicamente, lembra-nos do poder da palavra:

A caneta entre meus dedos é sensual, quase viva, eu posso sentir o seu poder, o poder das palavras que ela contém. Caneta é Inveja, tia Lydia d'fria, citando

¹⁴ Segundo Bakhtin, o signo se caracteriza por ser intersubjetivo, pois cada sujeito vai imprimir uma carga ideológica ao discurso, embora o signo seja uma construção ideológica social.

outro lema do Centro, advertindo-nos para ficar longe de tais objetos. Eles estavam certos, é inveja. (ATWOOD, 1985, p. 95, tradução nossa).¹⁵

Foucault (1994) esclarece que a concepção de verdade universal não é nada mais que fruto de mudanças históricas. Ela advém de instituições arbitrárias formadoras dos essencialismos e binarismos, sendo criada para controlar e disciplinar as populações através do poder. A execução desses, por sua vez, é feita a partir da ação de uns sobre os outros, como vemos nos excerto a seguir:

[O poder] É um conjunto de ações sobre ações possíveis: ele opera sobre o campo de possibilidades aonde se vêm inscrever o comportamento dos sujeitos atuantes: ele incita, ele induz, ele contorna [...] mas ele é sempre uma maneira de agir sobre um ou sobre sujeitos atuantes, enquanto eles agem ou são susceptíveis de agir. Uma ação sobre ações. (FOUCAULT, 1984a, p. 11).

Sob esse prisma, a ótica foucaultiana sugere que é mais relevante se estudar as instituições a partir das relações de poder do que o inverso. Essas relações estabelecem intrínseca ligação com a subjetividade dos indivíduos, pois ao exercerem poder uns sobre os outros, os papéis dominantes/dominados não são fixos e não acontecem separadamente, mas, ao contrário, simultaneamente e sucessivamente. Portanto, o poder não é um algo imutável: ele está em constante transformação e recebe como elemento constituinte as ideologias sociais. No caso de Offred, o silenciamento imposto a ela pelo sistema é utilizado também como instrumento de sobrevivência, através de sua narrativa secreta, como podemos ver neste excerto: “gostaria de acreditar que isso é uma história que estou contando. Preciso acreditar nisso. Tenho que acreditar nisso. Aquelas que conseguem acreditar que essas histórias são apenas histórias têm melhores chances” (ATWOOD, 2006, p. 54).¹⁶

Adiciona-se a isso, segundo Foucault (1971), que o discurso não revela somente as lutas sociais, ele é instrumento dessas lutas e é por ele que se busca o poder. Por exemplo, quando Offred narra sua história, ela desnuda o sistema de poder de Gilead, mas também

¹⁵ “The pen between my fingers is sensuous, alive most, I can feel its power, the power of words that it contains. Pen is Envy, Aunt Lydia would say, quoting another Centre motto, warning us away from such objects. And they were right, it is envy” (ATWOOD, 1985, p. 95).

¹⁶ “I would like to believe this is a story I’m telling. I need to believe it. I must believe it. Those who can believe that such stories are only stories have a better chance. If it’s a story I’m telling, then I have control over the ending. Then there will be an ending, to the story, and real life will come after it. I can pick up where I left off” (ATWOOD, 1985, p. 49).

assume poder porque é ela quem comanda a narrativa, ou seja, ela seleciona os fatos, constrói uma imagem dos outros e de si mesma. Diante disso, de acordo com Foucault (1971), o desejo de se alcançar o poder para realizar um objetivo não se restringe apenas ao exercício de dominação, pois ele não pertence a ninguém. Se por um lado a ideia de dominação está ligada a de opressão, o poder também suscita a noção de resistência podendo variar na relação entre as classes sociais ao longo da história. O exercício da memória configura nesta obra uma forma de resistência às ideologias de um Estado de Exceção implantado, porém, esse artifício causa impacto apenas no plano particular, e não no coletivo. A partir da recordação de inúmeras vozes, imagens e lembranças da vida antes do golpe, Offred consegue se reconhecer e guardar as memórias como refúgio do contexto opressor. Em vez de destruí-las ou modificá-las, a protagonista as usa como instrumento para evitar a submissão ao sistema, pois, enquanto conseguir se identificar como June¹⁷, ela não terá se transformado completamente em Offred¹⁸, ou seja, não irá “pertencer a Fred”, como ela diz:

Meu nome não é Offred, tenho outro nome que ninguém usa porque é proibido. Digo a mim mesma que isso não tem importância, seu nome é como o número de telefone, útil apenas para os outros; mas o que digo a mim mesma está errado, tem importância sim. Mantenho o conhecimento desse nome como algo escondido, algum tesouro que voltarei para escavar e buscar, algum dia. (ATWOOD, 2006, p. 105).¹⁹

São várias vozes do passado trazidas para a narrativa de modo que o leitor possa conhecer a protagonista antes e depois da implantação do regime. Falar de proliferação de vozes ou a ausência delas em um ambiente autoritário torna-se essencial para a compreensão dos impactos e consequências para as vítimas do sistema, principalmente quando falamos de *The Handmaid's tale*.

¹⁷ June é o nome da personagem no governo democrático.

¹⁸ Depois de implantado o sistema, as Aias adquiriam o nome de acordo com o nome de seu Comandante. Neste caso, Offred significa Of + Fred (preposição que determina posse adicionado ao nome Fred). Em outras palavras, o significado seria “pertencente a Fred”.

¹⁹ “My name isn’t Offred, I have another name, which nobody uses now because it’s forbidden. I tell myself it doesn’t matter, your name is like your telephone number, useful only to others; but what I tell myself is wrong, it does matter. I keep the knowledge of this name like something hidden, some treasure I’ll come back to dig up, one day” (ATWOOD, 1985, p. 94).

No caso do romance de Atwood, as ideologias de um Estado de Exceção se tornaram permanente e limitou o direito de circulação das pessoas, proibiu manifestações populares, prendeu e matou sem julgamento indivíduos contrário ao regime totalitário. Com a intenção de se impor um conceito de ordem como benéfico e válido a toda população, houve a eliminação de discursos e, por consequência, de posicionamentos sociais. A heteroglossia, no sentido bakhtiniano (1988), portanto, torna-se primordial na análise de ideologias e vozes dentro de um discurso, principalmente porque no jogo dos poderes sociais há uma movimentação centrípeta, de acordo com Bakhtin (1988), no sentido de monologizar o discurso que se ambiciona impor como um centro, uma verdade, uma realidade. Dessa maneira, estabelece-se um contraposto, pois Atwood organiza o diálogo feito pela personagem em que contrapõe as exigências de um contexto social ansioso pela fixação de uma só voz, a do autoritarismo; e outro interno da protagonista, faminto pela liberdade subjetiva. A luta entre o interior e o exterior, a proliferação de vozes que se confrontam configura-se como meio de resistência ao discurso monológico do autoritarismo.

Desse modo, o que aparentemente parece passividade da protagonista ao não se rebelar publicamente contra as autoridades, torna-se uma estratégia consciente, pois ela mostra que compreende o sistema ao saber qual discurso público deve adotar diante das autoridades. Todavia, em sua narrativa, Offred vai revelando para o leitor reflexões internas a respeito de suas experiências. Assim, o diálogo estabelecido entre as personagens do romance, mesmo que a protagonista deixe apenas o leitor conhecer suas opiniões, e não as dos outros, torna-se um confronto de pontos de vista acerca de uma mesma situação, a qual uma dessas visões de mundo luta para prevalecer. No caso do romance de Atwood, a univocidade pressupõe que prevaleça a ideologia heterossexista e totalitária.

Sob outro aspecto, a narrativa amplia-se ao sair do plano particular para o universal. Isto porque, aparentemente, ela trata de assuntos restritos a um contexto específico de confinamento, já que a personagem está limitada a pouquíssimas possibilidades de experiências, ambientes claustrofóbicos e poucos contatos pessoais, porém, ao refletir sobre as relações de poder, a narrativa abarca temas amplos e diversificados, sobretudo, acerca da condição humana, pois discorre sobre questões existenciais, gênero, mídia e poder. As vozes presentes nos discursos de Offred não se prendem a uma única mulher em um contexto

específico. A interação das diversas consciências mostra que a personagem debate assuntos presentes também em sistemas democráticos, em distintas classes sociais, em diversas idades, povoando a obra de temas recorrentes no universo privado e no público. No caso específico de *The Handmaid's Tale*, a heterogeneidade de pontos de vista subjaz a narrativa da protagonista interagindo a voz do movimento feminista com preceitos bíblicos, fragmentos da música de Elvis Presley e com alusões ao romance *The Scarlet Letter* de Nathaniel Hawthorne, assim como a escrita em tom de diário e o formato do gênero romance. Dessa forma, em sua busca, a personagem acaba por trazer consigo a coletividade em que estava inserida antes do golpe, descrevendo as possibilidades de experiências e os costumes dentro de um arcabouço cultural existente no regime democrático. A heterogeneidade de materiais, então, se revela em mundos e consciências entrecruzados, distribuídos em vários pontos de vistas combinados, ressaltando a originalidade que compõe o caráter polifônico da obra.

Entre outras formas de resistência, o plano espiritual da religiosidade da Aia entra em contraposição ao autoritarismo do Livro Sagrado, pois a representação do sagrado de Offred é construída a partir de seu mundo interior, e não regida pela ditadura religiosa do meio externo imposto pelo sistema. Até mesmo o plano afetivo se rebela contra as exigências, pois o desejo de uma relação íntima com qualquer pessoa passa a ser uma das buscas mais ansiadas da protagonista. Ela encontra na relação com Nick a liberdade de substituir as fantasias afetivas reprimidas pelo sistema por outras que fazem realçar os seus reais desejos. A subjetividade de Offred exibida através de planos como esses se inter-relacionam, compondo a unidade do romance. Entretanto, esses planos não são frutos de etapas unas pertencentes a um mundo monológico, pois são entrecruzados, a todo o momento, por outros mundos em formação, decorrentes das vozes de inúmeros discursos. Deste modo, Bakhtin (1997, p. 47) aduz que “onde começa a consciência começa o diálogo. Apenas as relações puramente mecânicas não são dialógicas”.

Além disso, em entrevista a Gallagher (1984), Foucault diz que quando o indivíduo está numa posição de não poder fazer o que deseja, ele deve procurar fazer uso das relações de poder, pois a força da resistência pode mudá-las, ou seja, tem-se a oportunidade de recriá-las ou invertê-las a partir da participação ativa na sua execução. Em *The Handmaid's Tale*, existem também outras tentativas de resistência, todas executadas de forma encoberta, sem o

conhecimento dos pilares do poder de Gilead. Por exemplo, observa-se Offred, proibida de ler ou escrever, mas que encontra uma fissura no contexto opressor de que é vítima e, com um gravador, narra sua trajetória e a de seu país. Outro exemplo de resistência é a personagem Moira, lésbica e amiga da protagonista, a qual configura, por si só, como um corpo estranho no organismo do poder de um Estado totalitário-teocrático-cristão. Por ter renegado intensamente a imposição religiosa, sexual, política e social dirigida a ela já na sociedade democrática, Moira configura o movimento de resistência, por ir contra os discursos essencialistas e opressores da sexualidade. De modo geral, ela representa os grupos minoritários simbólicos da interdição, do silêncio e da repressão.

A partir destes apontamentos, no romance de Atwood, podemos perceber, sobretudo, que não há a intenção de prever a possibilidade de que nos tornemos a República de Gilead, e sim de alertar-nos para a necessidade de observar as soluções radicais e as ideologias que se apresentam em momentos de caos social, político e econômico, como está acontecendo no cenário do Brasil atual. Deste modo, Atwood afirma em entrevista à *Reader's Companion* (1998): “A História prova que aquilo que fomos no passado, poderíamos ser novamente” (ATWOOD, 1998, tradução nossa).²⁰, mesmo que seja em novas roupagens. Por isso, é imperativo estar alerta sobre a união cada vez mais crescente entre Estado e Igreja, a formação de um possível Estado de Exceção e estar atento aos riscos de um poder político que centraliza para si o fornecimento ou a retirada de direitos básicos ao ser humano, principalmente os das minorias.

Em *The Handmaid's Tale*, o foco narrativo centrado em Offred, uma Aia comum dentro do sistema de *Gilead*, mostra que em uma sociedade todos estão passíveis de sofrerem a retirada da liberdade de qualquer natureza, mas também nos chama atenção que, mesmo sendo uma pessoa comum no sistema, ela consegue resistir e lutar ao seu modo. Através da narrativa da Aia, percebemos que durante a transição do regime democrático para o totalitário, ela foi apenas uma expectadora. A falha em não agir, mesmo sendo apenas uma célula dentro do sistema, nos lembra da necessidade, alertada pela literatura distópica, de agir frente aos abusos de poder. No entanto, ao fim do romance, Offred e Moira conseguem escapar do país, mostrando que a esperança de dias melhores também deve existir desde que se esteja com os

²⁰ “History proves that what we have been in the past we could be again” (ATWOOD, 1998).

olhos e ouvidos atentos, pois como diz uma das sentenças mais emblemáticas do romance, “*Nolite te bastardes carborundorum*”, cujo significado é “Não permita que os bastardos reduzam você a cinzas” (ATWOOD, 2006, p. 227).

REFERÊNCIAS

ATWOOD, Margaret. *The Handmaid's Tale*. Londres: Virago Press, 1985.

BAKHTIN, Mikail M. *Marxismo e a Filosofia da Linguagem: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira). São Paulo: Hucitec, 2006.

_____. *The Dialogic Imagination*. Texas: University of Texas Press, 1988.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997

BOUSON, Brooks. Introduction; Misogyny of Patriarchal Culture in *The Handmaid's Tale*. In: *Brutal Choreographies: oppositional strategies and narrative design in the novels of Margaret Atwood*. Amherst: University of Massachusetts Press, 1993.

CASTRO, Thell; VAQUER, Gabriel. *Religiosos já são mais de 50% da programação da TV brasileira; igrejas injetam valor equivalente a uma Record*. Disponível em: <<http://tvhistoria.com.br/NoticiasTexto.aspx?idNoticia=3518>>. Acesso em: 06 de mar. 2018.

FOUCAULT, Michel. Dois ensaios sobre o sujeito e o poder. In: FREYFUS, H. et al. Michel Foucault: *Un parcours philosophique*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1984, p. 297-321.

_____. L'Ordre du discours, Leçon inaugurale au Collège de France prononcée le 2 décembre 1970, Paris, 1971.) . In: FOUCAULT, M. *A ordem do discurso*. Trad. Edmundo Cordeiro com a ajuda para a parte inicial do Antônio Bento. Paris: Gallimard, 1971.

_____. Sexo, poder e Política de identidade. In: FOUCAULT, M. *The Advocate*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Toronto, 1984a.

_____. Verdade, poder e si. In: FOUCAULT, M. *Dits et écrits*. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. Paris: Gallimard, 1994

GÊNESIS; LUCAS; LIVRO DOS REIS I II. In: *A Bíblia: tradução ecumênica*. São Paulo: Paulinas, 2002.

LOIGU, Lembi. *The Expression and Realisation of power relationships through language: Margaret Atwood's dystopian novel The Handmaid's Tale*. Tese de Doutorado (Languages and Literatures). University of Tartu, Tartu: 2007.

LOPES, Leiliane Roberta. *CGADB lista candidatos ligados à Assembleia de Deus que foram eleitos em 2012*. [S.I.] Gospel Prime. Disponível em: <<https://noticias.gospelprime.com.br/cgadb-lista-candidatos-ligados-a-assembleia-de-deus-que-foram-eleitos-em-2012/>>. Acesso em: 15 mar. 2018.

READER'S GROUP COMPANION. An Interview with Margaret Atwood on Her Novel *The Handmaid's Tale*. [S.I.] In: *Reader's Companion to The Handmaid's Tale by Margaret Atwood*, 1998. Disponível em: <http://www.randomhouse.com/resources/bookgroup/handmaidstale_bgc.html#interview>. Acesso em: 15 dez. 2011.

ROTHSTEIN, Mervyn. No Balm in Gilead for Margaret Atwood. In: *The New York Times*. New York, 1986.

SILVA, M.; Yuri R. *Distopias: presságios de um futuro nefasto*. [S.I.] Revista Estudos do Futuro, v.1, n.1, 2007. 1-11 p. Disponível em: <<http://www.nef.org.br/revistas/13/Distopias.pdf>> Acesso: 02 abr 2009.